

## **Gêneros, retextualização e a língua: formação de uma professora de PLE na Universidad Nacional de Entre Ríos – Argentina**

Genres, retextualization and language: formation of a PLE teacher at the Universidad Nacional  
de Entre Ríos

132

**Romina López Sosa**

Universidad Nacional de Entre Ríos

<https://orcid.org/0000-0001-9021-5280>

[rominalopezsosa77@gmail.com](mailto:rominalopezsosa77@gmail.com)

### **RESUMO**

Partindo de um trabalho realizado em 2018, para a disciplina Compreensão e Produção de Textos em Português-II (CPTP-II) correspondente à Licenciatura em Língua Portuguesa da UNER-FCAD<sup>1</sup>, onde estudamos a língua portuguesa, suas diferentes definições e diferentes relações com temas como: a norma e uso da língua, a língua fluida e a língua imaginária, os gêneros textuais/discursivos, a mutação de suporte dos gêneros, a retextualização, a língua e o discurso, o discurso fundador, e discurso e identidade, elaborei este artigo tentando fazer uma relação entre os temas antes nomeados e “a língua”. Com o apoio das diferentes teorias de diversos autores, realizei citações dos textos trabalhados na disciplina e de textos investigados por minha própria conta.

**Palavras-chaves:** Língua; Gêneros discursivos; Discurso; Identidade

### **ABSTRACT**

Starting from a work done in 2018, for the subject Comprehension and Production of Texts in Portuguese-II (CPTP-II) corresponding to the Degree in Portuguese Language of UNER-FCAD, where we studied the Portuguese language, its different definitions and different relations with themes such as: the norm and use of language, fluid language and imaginary language, textual/discursive genres, the mutation of genre support, retextualization, language and discourse, founding discourse, and discourse and identity, I have elaborated this paper trying to make a relation between the themes named before and "the language". With the support of the different theories of various authors, I made quotations from texts worked in the discipline and from texts researched on my own.

**Keywords:** Language; Discourse genres; Discourse; Identity

## 1. Introdução

Os estudos sobre a língua, sempre foram uma grande preocupação para o homem. Como falamos? Por que falamos? Quais as relações existentes entre língua e fala? Afinal, o que é mesmo uma língua? Seria ela uma nomenclatura das coisas ou uma representação do pensamento? Um processo de interação verbal? Instrumento de comunicação? Uma capacidade inata? Materialização de discursos históricos e ideologicamente construídos?” (NUNES, 2018, p. 8)

O trecho citado acima é um exemplo claro de como os linguistas vêm se questionando há muito tempo: o que é a língua? Para que serve? É uma ferramenta que está disponível para o uso do homem? Em meu texto, vou discorrer sobre algumas questões que foram importantes para a formação de uma professora de PLE na Argentina.

Vou começar com a definição de língua segundo o Dicio (dicionário online de Português):

### *Significado de Língua*

Substantivo feminino. Conjunto dos elementos que constituem a linguagem falada ou escrita peculiar a uma coletividade; idioma: a língua portuguesa. Sistema de vocabulário e sintaxe usado em determinada época, por certos escritores, em uma ou outra profissão etc.; linguagem: a língua do séc. XVI<sup>2</sup>.

Na definição observamos que há uma relação entre idioma e língua. Eu entendo que o idioma é a língua reconhecida constitucionalmente em um país e que, por sua vez, identifica essa nação. Embora a língua portuguesa seja a falada no Brasil, não é a mesma língua portuguesa que se fala em Portugal.

Então, o Brasil fala a língua portuguesa de Portugal (levada pelos colonizadores) ou fala o português brasileiro (nascido da miscigenação de raças, que vai mudando sempre)? O português brasileiro tem outra história diferente daquela do português de Portugal? A língua está relacionada com sua cultura?

## 2. Norma e Uso da língua

O Brasil é um país gigantesco. Nele existem diversas maneiras de falar dependendo das diferentes regiões, das histórias, das idades, contextos sociais. “A língua portuguesa no Brasil possui muitas variedades dialetais. Identificam-se geográfica e socialmente as pessoas pela forma como falam”. (BRASIL, 1997, p. 26)<sup>3</sup>.

<sup>2</sup> <https://www.dicio.com.br/lingua/> - acesso em 15/10/2021

<sup>3</sup> BRASIL/MEC/SEF. Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa. Disponível na internet em <https://docplayer.com.br/20908497-Variacao-linguistica-em-sala-de-aula-de-lingua-portuguesa-uma-abordagem-etnografica.html>

Há vários anos que os estudiosos perceberam uma diferença entre a língua que se fala e a língua que se escreve. Basicamente, nessa relação entre as “duas línguas” pode se ver uma conexão entre a Norma e o Uso da língua, sendo:

- A língua que se fala, a língua de uso, e
- a que se escreve a língua culta ou normativa.

Para não falar em termos de línguas certas ou erradas, ou coloquiais e formais, ou de qual delas têm mais “prestígio social” que a outra, vou me referir a elas como:

- Língua fluida
- Língua imaginária

Sendo *língua fluida*, a língua que está em contínuo movimento, a língua que ultrapassa os meios de padronização, e é a partir dessa fluidez que o sujeito se reconhece enquanto parte de um processo social, como sujeito que fala, que tem representatividade enquanto falante. (Marcuschi, 1997, Orlandi, 2009).

A *língua imaginária* é a língua padronizada, a língua embebida de ideologias e de uma representação de prestígio frente às demais variações existentes da língua, sinônimo de dominação sociocultural e posta como um bem cultural desejável. (Marcuschi, 1997, Orlandi, 2009).

Orlandi (2005) fez uma distinção entre as “duas línguas” comparando a língua fluida com o português brasileiro e a língua imaginária com o português de Portugal.

Orlandi (2002) disse: “que a língua fluida é a língua do mundo, sem regras que a aprisiona, língua no acontecimento do significar na relação de homens com homens” que o PB<sup>4</sup> é isso, porque ele muda sempre, ela nasceu no Brasil, está na boca das pessoas, já não é a mesma língua que foi levada pelos colonizadores, ela mudou e muitas vezes, na fala, ela não responde a regras gramaticais.

Orlandi (2002) também disse: “a língua imaginária é a língua do sistema fechado, normas, artefato do linguista e de outros”, ela é o PP<sup>5</sup>, a língua que já tem mais de 500 anos no Brasil, ela é quem tem todas as regras e normas, tem toda a gramática, considerada também a língua do prestígio, língua que nunca mudou.

Nas escolas, continua se ensinando a língua imaginária, também chamada língua da padronização, porque é muito importante conhecer a língua como estrutura, para assim, ter outras

---

4 Português brasileiro

5 Português de Portugal

possibilidades para comunicar algo de outra maneira, para algum público determinado, com algum discurso que precise de uma linguagem específica.

Marcuschi (2007) disse: “Tem-se aí um desafio, uma vez que é notório que a escola lida com múltiplos sujeitos, todavia, a língua enquanto um produto social é passível de ressignificações constantes, indissociável da cultura”. É importante saber que existe uma língua que é “nosso jeito de falar”, que responde a nossa cultura, a nossa história e outra, que é bem diferente e que podemos utilizar em outros contextos. A sala de aula é o sítio onde vão se misturar todas essas falas, culturas e histórias.

Muitos linguistas afirmam que quem domina um idioma ou uma língua além de um dialeto regional, é tão bilíngue como qualquer pessoa que sabe duas línguas. Nas palavras de Evanildo Bechara<sup>6</sup> (2017) *“é preciso ser poliglota na própria língua, saber usar mais de uma variante de língua, mais de uma norma”*, dessa maneira o falante/usuário da língua poderá distinguir quando deverá usar uma fala mais formal e quando uma mais informal, demonstrando assim um domínio total da língua.

#### 4. A conversão da língua em discurso

Em 1916, na Europa, é publicado o livro *“Curso de Linguística Geral”* de Ferdinand de Saussure. Ele considera a língua como um sistema de signos bem organizado. Para ele o estudo da linguagem admite duas partes (Saussure, 1916, pp. 45-46): uma tem por objeto a língua (o social) independente do indivíduo, e a outra que é a fala (o individual).

Wilza K. Leão de Macedo (2009, p.2) afirma que: “A partir desses enunciados, Saussure elege seu objeto de estudo: a língua, considerada como um sistema de signos formados pela união do sentido e da imagem acústica”. Ou seja, o signo linguístico está conformado pelo conceito ou significado (ideias arquivadas na mente do falante) e o significante (imagem acústica). Assim Saussure demarca que esses dois elementos constituintes do signo “estão intimamente unidos e um reclama do outro” (Saussure, 2006, p.80).

A aquisição tanto da língua falada quanto da escrita é um processo contínuo e incompleto, *“todo homem inventa sua língua e a inventa durante toda sua vida. E todos os homens inventam sua própria língua a cada instante e cada um de uma maneira distintiva, e cada vez de uma maneira nova”* (BENVENISTE, 1989, p. 18). Para Cármen Agustini e Flávia Santos da Silva da UFU<sup>7</sup>, (2015, p.218): “Benveniste tenta compreender o funcionamento do processo de conversação da língua-

6 Professor Emérito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, titular da Cadeira nº 33, da Academia Brasileira de Letras e um dos maiores gramáticos do Brasil.

7 Universidade Federal de Uberlândia.

sistema em língua-discurso, [...] Nas teorizações de Émile Benveniste, o conceito de “frase” ganha um lugar fundamental, uma vez que se constitui como unidade de discurso”.<sup>8</sup>

Bakhtin (1920-1930) antecipa-se à linguística moderna. Ele apoia as ideias de Saussure quanto a que a língua é um fato social que se constrói baseada nas necessidades que as pessoas têm de comunicação, mas também, ele é contrário a concepção da língua como um sistema de regras. Reconhece que todos os seres humanos utilizam a língua em todos os âmbitos das atividades humanas. Assim, para Bakhtin (1997b, p.124) *“a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico”*. A língua não é estática, ela evolui com o decorrer do tempo ao longo da história e o povo, os usuários dessa língua, são os responsáveis dessa evolução. De acordo com Brandão (1995, p.09), Bakhtin privilegia a enunciação enquanto realidade da linguagem: *“A matéria linguística é apenas uma parte do enunciado; existe também outra parte, não verbal, que corresponde ao contexto da comunicação”*. A compreensão desses e outros conceitos da teoria de Bakhtin são fundamentais para que se faça uma discussão em torno dos gêneros, tema que também se tornou central em sua teoria.

No final dos anos 1960, Michel Pêcheux (1938-1983) propôs a teoria da Análise de Discurso (AD) na França. O trabalho da Análise do Discurso (AD) se situa, na relação entre a língua e a história, entre o discurso e a produção de sentidos. Estabelece-se assim outro objeto de estudo, que não é a frase; esse novo objeto de estudo é o discurso, porque ele mistura aspectos linguísticos com aspectos históricos. O objeto da Análise do Discurso (AD) aparece em Orlandi (2005) como *“objeto sócio histórico em que o linguístico intervém como pressuposto”*.

Nos anos 1960, tanto no Brasil quanto na França, existiam várias revoltas sociais produzidas por diferenças políticas e culturais. No Brasil, em 1964, houve protestos contra a ditadura militar; na França, em 1968, os estudantes universitários se movimentaram nas ruas fazendo reclamações por mudanças no sistema de ensino. A AD francesa tentou compreender esses fatos políticos acontecidos, em esses anos e em esses países, analisando os discursos produzidos pelas duas movimentações; ela se inclina inicialmente sobre os discursos políticos com posição bem marcada (discurso de esquerda vs. de direita). Para Brandão (2008, p. 29)<sup>9</sup> a AD:

[...] não se limita a um estudo puramente linguístico, isto é, a analisar só a parte gramatical da língua (a palavra, a frase), mas leva em conta outros aspectos externos à língua, que fazem parte essencial de uma abordagem discursiva: os elementos históricos, sociais, culturais, ideológicos que cercam a produção de um discurso e nele se refletem.

8 A Frase Como Unidade De Discurso.(N). *As Teorizações De Émile Benveniste*. Línguas e Instrumentos Linguísticos – Nº 35 – jan-jun 2015

9 **Nagamine Brandão, H.H.** (s/d) *Analisando o discurso*. Disponível na internet em [http://www2.eca.usp.br/Ciencias.Linguagem/Brandao\\_AnalisandoODiscurso.pdf](http://www2.eca.usp.br/Ciencias.Linguagem/Brandao_AnalisandoODiscurso.pdf)

## 5. Gêneros discursivos/textuais

Para as autoras Dias, Mesquita, Finotti, Otoni, Lima & Rocha (2011, p. 143),<sup>10</sup> nos últimos anos tem se observado que tanto as expressões *gênero textual* e *gênero discursivo*, têm sido utilizadas às vezes como sinônimas e outras vezes como antagônicas.

Conforme Bakhtin (2006, p.157): “*a língua não existe por si mesma, [...] são as condições sociais de cada época que determinam as condições de comunicação verbal, suas formas e métodos. Logo, a língua é um legado histórico – cultural da humanidade.*” Segundo Bakhtin (1997b, p. 279): “Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos* relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso*”, isto quer dizer que todas as práticas comunicativas dependem de uma situação em que são enunciadas, neste momento a pessoa que tenta comunicar (ou não comunicar) algo, vai escolher um gênero discursivo, influenciado pelo momento da história, a mensagem que tenta transmitir, para quem, com qual fim, etc. Assim, segundo Bakhtin (2003, p. 268), os gêneros “*refletem de modo mais imediato, preciso e flexível todas as mudanças que transcorrem na vida social*”.

Marcuschi (2008) pontua que os gêneros textuais são nossa forma de inserção, ação e controle social no dia-a-dia. Para este autor, toda atividade discursiva se dá em alguns gêneros, isso comprova sua imensa pluralidade e seu caráter sócio histórico; ressalta também a essencialidade dos gêneros à interlocução humana.

Os seres humanos no seu dia-a-dia podem produzir textos orais que por sua vez podem se transformar em textos escritos. Essas mudanças foram observadas e estudadas por Marcuschi (2001), para ele essas transformações ocorrem automaticamente, são feitas pelos usuários de uma língua, sem que eles se deem conta das complexidades das operações. Marcuschi denominou esse processo como *retextualização*.

Para Marcuschi (2001, p. 49) “*Transcrever a fala é passar um texto de sua realização sonora para a forma gráfica com base numa série de procedimentos convencionalizados*”. Esse processo não é mecânico já que “*trata-se de um processo que envolve operações complexas que interferem tanto no código como no sentido e evidenciam uma série de aspectos nem sempre bem compreendidos da relação oralidade-escrita*”. (MARCUSCHI, 2001, p. 46).

Marcuschi (2008, p.174) afirma que: “*Todo gênero precisa de um suporte para existir. Ele é imprescindível para que o gênero circule na sociedade e deve ter alguma influência na natureza do gênero suportado*”. Mas isto não significa que o suporte determine o gênero e sim que o gênero exige

10 Gêneros Textuais E(Ou) Gêneros Discursivos: Uma Questão De Nomenclatura?. Disponível na internet em <http://www.eses.pt/interaccoes>.

um suporte especial. Chartier (1998) aposta na tese de que um mesmo texto, apresentado em diferentes suportes, se traduz em diferentes significados ao leitor.

Mais especificamente, “(...) a obra não é jamais a mesma quando inscrita em formas distintas, ela carrega, a cada vez, outro significado” (CHARTIER, 1998, p. 19). Talvez seja preciso perceber, como indica Chartier (1999, p.13), que o computador renova a funcionalidade do texto e nesse sentido é um artefato revolucionário. Exatamente por ser revolucionário, o novo suporte textual instaura desafios inéditos para quem escreve e para quem lê.

## 6. A língua como discurso e a identidade cultural

A noção de discurso tem seu traço marcado na Análise de Discurso a partir da relação entre língua e história, ou seja, trata-se de associar a língua com a história na produção de sentidos, que é o objetivo principal da AD. A história, segundo Orlandi (1990, p. 35), “*está ligada a práticas e não ao tempo em si. Ela se organiza tendo como parâmetro as relações de poder e de sentidos, e não a cronologia: não é o tempo cronológico que organiza a história, mas a relação com o poder (a política)*”. A história é fundamental para a constituição da identidade nacional. O colonizador tinha uma língua que traduzia uma história, que solidificava e constituía a sua identidade nacional. A identidade nacional de um país encontra-se definida pelo seu discurso fundador, o qual está baseado em dois grandes princípios: o da exclusão e o da participação.

Um discurso torna-se fundador na medida em que “*cria uma nova tradição, ele ressignifica o que veio antes e institui aí uma outra memória. É um momento de significação importante e diferenciado*” (ORLANDI, 1993, p. 130).

É por isto que a história tem um papel essencial, porque é em ela que existe e se fundamenta o discurso fundador assim como também, a construção de novos sentidos.

“*O discurso fundador configura-se por uma relação de conflito com o processo de produção dominante de sentidos, conflito este que produz a ruptura, o movimento dos sentidos, que estabelece outra filiação de memória e um novo sítio de significância*”. (ORLANDI, 1993). A identidade nacional constitui a memória social; tudo faz parte da identidade nacional, a língua, os monumentos culturais, um folclore, os lugares importantes e uma paisagem típica; representações oficiais, como o hino nacional, a bandeira, o escudo, as datas históricas, etc. A língua contribui para a conscientização identitária, como no caso do português brasileiro, reconhecida como língua oficial do país (na constituição brasileira).

Hoje em dia a história do discurso fundador é muito questionada. O povo, neste caso o povo brasileiro, reclama que a história seja contada sem deixar de lado a nenhum de seus participantes. Há



uma frase que diz “*a história é contada pelos vencedores*”<sup>11</sup>, no caso em questão pelos portugueses e pela classe de alto poder econômico, decidindo quem é herói e quem merece ser esquecido por não alcançar os parâmetros impostos por essa sociedade, mas isto nunca é para sempre, porque a história é feita de fatos e povos.

## 7. Posicionamento da autora

No decorrer do presente artigo, analisei vários conceitos tais como: língua, discurso e identidade nacional, passando pela história e as diferentes concepções de língua- linguagem, as diferentes manifestações da língua, sua relação com os diversos suportes, e com a história do povo brasileiro.

Atualmente o termo “identidade nacional” encontra-se muito discutido. Uma boa definição seria: “*o sentido de pertencimento a uma nação*”, embora eu dê essa definição não quero dizer que esse sentimento de pertencimento seja fácil de ser analisado, nem sequer para os próprios habitantes de uma nação. Isso leva hoje em dia à reflexão das pessoas a um nível mundial, já que nos últimos anos, sessenta novos países emergiram<sup>12</sup>, ou seja, sessenta novas identidades nacionais.

A língua e a cultura são bons representantes dessas identidades nacionais. No caso do Brasil, ele é um país multilíngue, já que, apesar de ter uma língua (o português) reconhecida como língua oficial pela constituição nacional desse país e comum a todos, existem várias outras línguas que convivem dentro do território, desde as línguas indígenas (existentes em maior número na Amazônia), as línguas que pertencem às diferentes variações regionais (nordestina, baiana, carioca, etc.), a língua dos imigrantes (existem povos no Brasil que são considerados bilíngues, alemão-português) até as línguas de diferentes usos (coloquial e formal). Também é um país multicultural, porque a cultura vai além de um conjunto homogêneo de ideias e valores sedimentados e considerações e traços singularizadores (como a cordialidade que os caracteriza como povo, o mito do brasileiro cordial,) tem uma mistura de etnias, de mestiços luso-afro-índios, de imigrantes das mais diversas origens.

11 Frase atribuída a George Orwell, nome real Eric Blair, filho da família escocesa, nasceu em Motihari, na Índia, em 1903, enquanto o país ainda estava sob domínio britânico. Faleceu em 1950.

12 **Marina Motomura.** *Quantos países existem atualmente?* 26 jul 2018, 16h19 - Publicado em 18 abr 2011, 18h48. Disponível na internet em <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/quantos-paises-existem-atualmente/>



## 8. Conclusão

Eu fiz umas perguntas no começo do artigo que vou responder agora:

1) o Brasil fala a língua portuguesa de Portugal (levada pelos colonizadores) ou fala o português brasileiro (nascido da miscigenação de raças, que vai mudando sempre)? O Brasil fala as duas línguas, a própria (considerada a línguas de uso diário, o brasileiro) que nasceu nesse país, e outra regrada de uso em contextos mais formais (herdada dos colonizadores, o português). Uma tem que admitir a existência da outra e a necessidade que tem cada uma da outra. Ignorar isto leva à contribuição do “preconceito linguístico” à discriminação do outro que fala diferente.

2) O português brasileiro tem outra história diferente do português de Portugal? Sim, porque cada língua tem sua própria história, suas próprias origens; junto com a língua está a cultura. A língua criada no Brasil nasceu da mistura do português com as línguas indígenas, as línguas africanas e as línguas dos imigrantes.

3) A língua está relacionada com sua cultura? A língua é cultura. Ela é uma marca da identidade nacional.

O discurso fundador mitificou o indígena, que passou a ser símbolo do Brasil, os escravos africanos, a literatura. As obras literárias contribuíram com o discurso fundador para a construção dessa identidade como povo e como nação e esse discurso literário tem a língua como suporte.

Como futura professora de português como língua estrangeira, esses temas analisados são de profundo interesse e necessários para um correto desempenho da profissão, já que devo não só ensinar uma língua, mas também conhecer sua história completa, do que se fala e do que não se fala, penetrar nas entrelinhas do texto e interpretar as diversas visões de mundo dos diferentes grupos sociais, suas culturas e derrubar os estereótipos que foram fundados com o decorrer do tempo, depois de tudo, América latina compartilha grande parte dessa história e **“viver é compartilhar discursos”**.<sup>13</sup>

## Referências

- AGUSTINI, Cármen. SILVA, Flávia Santos da. *A frase como unidade de discurso. (N)As teorizações de Émile Benveniste*. Línguas e Instrumentos Linguísticos – Nº 35 – jan-jun 2015.
- BRANDÃO, C. ORLANDI, Eni P. (org.) Discurso fundador. Campinas: Pontes, 1993, 171 p.
- Cadernos de Linguagem e Sociedade, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 153, 2010.

---

13 Domicílio Proença Filho. 28/06/2018. Em ciclo de conferências “A cultura em processo”. Academia Brasileira.

- BRANDÃO, H. H. N.. Analisando o discurso. In: Ataliba Teixeira de Castilho. (Org.). Portal da Língua Portuguesa. São Paulo: Fundação Roberto Marinho, 2006
- BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: Secretaria de Educação fundamental, 1997, p. 19-41
- BRASIL, L. L. Michel Pêcheux e a teoria da análise de discurso: desdobramentos importantes para a compreensão de uma tipologia discursiva. *Linguagem: Estudos e Pesquisas*, Goiânia, v. 15, n. 1, 2014.
- BRUM, A. M. Da língua como instrumento de comunicação ao discurso: um deslocamento necessário no trabalho de português língua estrangeira. *Anais do II SEAD - Seminário de Estudos em Análise do Discurso* [recurso eletrônico] – Porto Alegre : UFRGS , 2005.
- CERQUEIRA NETO, J. C.; DOS SANTOS, A. P. A entrevista como um gênero do discurso: conceitos e fundamentos |. *Travessias*, Cascavel, v. 11, n. 1, p. 244–269, 2017.
- DEZERTO, F. B. *Da Linguística Formal à Análise do Discurso: um breve percurso teórico*. *Veredas on line*. v. 14, n. 2, 2010, p.64-79
- DIAS, E.; MESQUITA, E. M. de C.; FINOTTI, L. H. B.; OTONI, M. A. R.; LIMA, M. C. de; ROCHA, M. A. de F. Gêneros textuais e(ou) gêneros discursivos: uma questão de nomenclatura?. *Interacções*, [S. l.], v. 7, n. 19, 2011.
- FORTUNATO, Marina (2013). Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor de produções didático-pedagógicas. *Cadernos PDE*, v. II, 2014
- GOMEZ, R. de C. O fluido e o imaginário: os (des)limites da língua no contexto escolar. VI Encontro Nacional das Licenciaturas (ENALIC), V Seminário Nacional do PIBID. Disponível em <http://periodicos.unesc.net/seminarioECPE/article/view/3958> - acesso em 11/10/21
- MACEDO, W. C. L. de. Por Saussure e Bahktin: concepções língua/linguagem. I Congresso Nacional de Linguagens e Representações: Linguagens e Leituras. Ilhéus, BA, 2009
- MARCUSCHI, L. A. A questão do suporte dos gêneros textuais (parte 2). *DLCV - Língua, Linguística & Literatura*, [S. l.], v. 1, n. 1, 2003.
- MENDES, E. O conceito de língua em perspectiva histórica: reflexos no ensino e na formação de professores de português. In LOBO, T.; CARNEIRO, Z.; SOLEDADE, J.; ALMEIDA, A.; RIBEIRO, S. (orgs). *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias* Bahia, EDUFBA, 2012.
- MORATTO, Rosiane C. dos S.; GRECO, Eliane Alves. Leitura discursiva em vlogs argumentativos: uma proposta em sala de aula. *Revista Diálogos* n.º 16, 2016.
- NUNES, Valfrido da Silva. Do sistema para o discurso: concepções de língua(gem) em Ferdinand de Saussure e Mikhail Bakhtin. *Revista Porto das Letras*, Vol. 03, Nº 01, 2017

- OLIVEIRA, Debora M. da S. Em torno do conceito de gêneros do discurso/textuais: diálogos entre o círculo de Bakhtin e o interacionismo sociodiscursivo. *Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura*. Ano 08 - n.15, 2012
- OTTONI, M. A. R. Gêneros textuais/discursivos: um debate teórico. *Anais do III Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais*. Santa Maria, UFSM, 2006
- SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Câmara Brasileira do livro, 1916
- SCHNEIDERS, C. A língua do/no Brasil: efeitos da memória e da história. *Gragoatá*, v. 22, n. 42, p. 329-344, 13 jul. 2017.
- SOUZA, Meriti de. Discurso fundador, história e subjetividade. *Psicologia em revista*. v. 8 n. 12, 2002
- SURDI, M. I.; LUZ, M. N. S. da. O funcionamento das noções de “língua fluida” e “língua imaginária”: o caso de uma gramática normativa. *Fragmentum*, [S. l.], n. 44, p. 95–107, 2015
- TERRA, K. R. C.; SOUZA, S. M. da F.; FÓFANO, C. S. (2017). Prática discursiva: uma reflexão sobre língua, linguagem, ideologia e discurso na concepção da análise do discurso de filiação francesa. *RevLet – Revista Virtual de Letras*, v. 09, nº 01, jan/jul, 2017